

O diálogo intercultural entre educação alimentar e nutricional e agroecologia: pela construção da soberania alimentar

The intercultural dialogue between food and nutrition education and agroecology: for the construction of food sovereignty

FERREIRA, Camila¹; MONTEIRO, Bruno²; GUANAIS, Matheus³

¹ Programa de Pós-Graduação Profissional em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento (UFRJ), nutinbuzios@gmail.com; ² Programa de Pós-Graduação em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento (UFRJ), bpmonteiro@gmail.com.br; ³ Rede Internacional de Estudos Decoloniais na Educação Científica e Tecnológica (RIEDECT), guanais.matheus@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O desafio de transformar o sistema alimentar atual em agroecológico, surge como mudança de paradigma e inovação social, expressando a resistência e multiplicidade de práticas autônomas e solidárias. A educação pressupõe diálogo com diferentes saberes, valorização de técnicas ancestrais de cultivo e reconhecimento que todo o processo é uma troca de vivências por si só. O objetivo da pesquisa-ação é a construção do Guia Alimentar Intercultural Agroecológico (GAIA) em Armação dos Búzios (RJ), como instrumento de Educação Alimentar e Nutricional. Fruto do diálogo entre os saberes popular/local e científico por meio de oficinas temáticas e implementação de um sistema agroflorestal, a experiência do guia possibilitará sua multiplicação em diferentes culturas, fortalecendo a agroecologia como ciência emergente, projeto político e construção da soberania alimentar. Palavras-chave: agricultura; cultura alimentar; decolonialidade; interculturalidade.

Introdução

Em tempos de globalização, o caráter intercultural das sociedades se volta a pensar na educação como espaço de aproximações e distanciamentos culturais. São nas várias "zonas de contato" que a diversidade de etnias, culturas, gêneros, grupos sociais é reconhecida, não apenas emergindo conflitos, mas possibilidades de diálogo e intercâmbio. A regeneração de Gaia, ou planeta Terra, envolve curar a ferida aberta entre diversas formas de interpretação da realidade, por meio de uma rede de ideias capazes de conectar diferentes saberes (EL- HANI, 2022; SCARANO, 2019).

Na visão de Freire (2000), as lutas ecológicas e o futuro da humanidade através do diálogo distanciam-se de legados coloniais, contribuindo aos processos de tradução interculturais na educação, transformando-se em experiências práticas e pedagogias libertadoras. Segundo Oliveira e Linsingen (2021), a interculturalidade se apresenta como uma nova forma de fazer democracia, garantindo participação e permanência dos povos em tomadas de decisões, resgate de cosmovisões dos grupos étnicos, valorização da diversidade cultural, riqueza ambiental e saberes das classes populares (FERREIRA, MONTEIRO, 2023; MENESES, 2019).



O conceito de conhecimento é incompleto, ao passo que outras ontologias, epistemologias, axiologias e projetos pedagógicos são prenúncios da educação libertadora. A perspectiva decolonial é aplicada para examinar o papel da agricultura e o lugar da ética da inovação em cenários emergentes no século XXI, emancipando a colonialidade do poder, do ser, da natureza, por meio de processos inovadores, que coincidam com nossos idiomas, autores e lugares. As bases epistêmicas da Agroecologia como ciência emergente e campo de conhecimento crítico, engloba a cientificidade e os saberes tradicionais, interconexões cruciais no diálogo intercultural, buscando propostas que valorizem a pluriversalidade (FERREIRA, MONTEIRO, 2023; KAUFMANN, WIZNIEWSKY, 2021; MENESES, 2019; SILVA, 2017).

Um dos maiores desafios no século XXI é a alimentação, tornando-se imprescindível a transformação do sistema alimentar predominante que desnaturaliza a agricultura. Esta pesquisa assume o princípio de que, diante dos desafios globais, como construir a soberania alimentar? Scarano et. al. (2011), reforçam esta pauta ao pensar como questões ambientais atingirão diretamente a produção e consumo de alimentos. Nas palavras do presidente da Coordenação Nacional de Organizações Camponesas (CNOP) da República do Mali, Ibrahima Coulibaly (2015): "Não há soberania alimentar sem Agroecologia. E certamente que a Agroecologia não durará sem uma política de soberania alimentar que a sustente". Por soberania alimentar entende-se "o direito de os povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos e que garantam o direito à alimentação para toda a população" (FARIAS, 2019; BASTOS, 2022).

A mudança paradigmática está na transição de sistemas alimentares capazes de garantir a Segurança Alimentar e Nutricional, utilizando com cautela os recursos naturais ao mesmo tempo que preserve o ambiente e seja inclusivo socioeconomicamente. A relação natureza e sociedade estão no núcleo dos sistemas alimentares, estabelecendo de maneira coletiva os processos da produção ao consumo de alimentos, considerando a demanda e a harmonia com os recursos naturais disponíveis (BURITY et al., 2021; PREISS, SCHNEIDER, 2020).

Para Pierre Bourdieu, situar saberes e práticas aos limites históricos, sociais e conceituais os quais são produzidos e/ou determinados, pressupõe a compreensão da gênese social do campo de saber do qual inserem, desenvolvendo estratégias para suas bases, especificidades, arcabouço teórico-metodológico e aplicabilidade. A mudança de postura do profissional, para uma relação horizontal e dialógica, é indispensável no pensar relacional, o qual situa o saber popular como um conhecimento acumulado e sistematizado de base empírica sobre a produção da realidade. O desafio do diálogo é refletir além do modelo hegemônico do conhecimento e cuidado com a saúde, tornando-se disponíveis mudanças nas práticas científicas (BEZERRA, 2018; PETRI, FONSECA, 2019).



A sustentabilidade é indissociável da preservação da diversidade que alimenta as agriculturas locais, assim, mudanças de paradigmas exigem o cultivo de certas premissas éticas. Englobando dimensões como as científicas, práticas agrícolas, movimento social e projeto político, utilizam-se de metodologias sensíveis ao contexto, apontando mecanismos que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis. Assim, a Agroecologia seria um "antídoto" para a "amnésia biocultural" e construção do paradigma alternativo para a saída da crise. Pelo olhar das etnoecologia, se aproxima de componentes como o *corpus*, o *cosmos* e a *práxis*. Para Barrera-Bassols e Zinck (2001): o *corpus* se refere ao conjunto de conhecimento; o *cosmos* aos sistemas simbólicos e crenças locais e, a *práxis* às práticas de manejo do agroecossistema (ALTIERI, 2012; CASTRO, MONTEIRO, 2020; LARANJEIRA *et al.*, 2019).

Como ato educativo capaz de promover estratégias alimentares saudáveis e sustentáveis, a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) é reconhecida no Brasil como campo de conhecimento e ação contínua, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que busca promover práticas autônomas e voluntárias de hábitos saudáveis que contribuem para a Segurança Alimentar e Nutricional e asseguram o Direito Humano à Alimentação Adequada. Através de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos, aproximam o diálogo a indivíduos e populações, englobando ciclos da vida, sistema alimentar e significados que compõem o comportamento alimentar. Rompendo fronteiras, produzindo novos conhecimentos e realizando sínteses dialéticas, se conectam aos saberes científico e popular. E para que haja o efeito ininterrupto das ações, o sistema alimentar deve ser sustentável (BARROS et al. 2014; BEZERRA, 2018).

De modo a contribuir na construção da soberania alimentar, esta pesquisa tem como objetivo desenvolver o Guia Alimentar Intercultural Agroecológico (GAIA) em Armação dos Búzios (RJ), como instrumento de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) sob componentes do *corpus, cosmos* e *práxis*. Dentre os objetivos específicos estão o fomento à reflexão de práticas educativas sobre alimentação e conhecimento agroecológico; implementação de um sistema agroflorestal (SAF) que seja fruto da reflexão dos participantes ao conjunto de conhecimentos, crenças e comportamentos alimentares; e registro das *práxis* agroecológicas integrando o *corpus* e *cosmos*.

A localidade da pesquisa abriga comunidades quilombolas reconhecidas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e Fundação Palmares, pescadores artesanais e marisqueiras. Neste cenário se encontra o Mangue de Pedra, um ecossistema frágil, raro e pouco conhecido, sendo um dos três mangues de pedra existentes no mundo. Nele, a água da chuva que infiltra o solo, aflora nas areias da praia e mistura-se à água salgada do mar. A água salobra é a grande responsável pela existência de um manguezal em franco desenvolvimento, com árvores as quais suas raízes estão fixadas nas pedras. Sua importância se deve a aspectos botânicos, geomorfológicos, hidrogeológico, paleoambiental, sedimentar e tectônico. A região e praias que compõem o Mangue de Pedra testemunharam o



desembarque clandestino de navios tumbeiros no século XIX, quando o tráfico transatlântico já estava proibido no país (MANSUR, 2012). Em dias atuais, é alvo de disputas políticas, territoriais e especulação imobiliária. Baseado em pedagogias coletivas, o diálogo envolve agricultores periurbanos, representantes de comunidades quilombolas e nordestinos; representantes de espaços formais e não formais de educação, como graduandos e pós-graduandos em Educação em Ciências e Saúde, Ciências Humanas, Biológicas, Ambientais e da Natureza, além de educadores ambientais e movimentos sociais.

Metodologia

O universo empírico da pesquisa é de natureza qualitativa e aplicada, cunho exploratório, descritivo e explicativo. O procedimento de coleta se refere a pesquisa-ação, em amostra não probabilística, por casos múltiplos e critérios de diversificação. Sua base é pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, de modo que o processo de EAN seja construído sob os componentes da etnoecologia como campo de pesquisa científica transdisciplinar. Para Toledo e Barrera-Bassols (2009), a compreensão dos saberes como proposta metodológica está fundamentada no cosmos-corpus-práxis, explorando as maneiras que a natureza é visualizada por diversos grupos humanos, através de um conjunto de crenças e conhecimentos e a partir disso, como tais grupos manejam os recursos naturais. O instrumento oficial de apoio, proteção e promoção a práticas alimentares saudáveis é o Guia Alimentar para a População Brasileira e integra a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN). Considerando os determinantes e interfaces com a cultura e subjetividade das práticas alimentares frente à complexidade dos sistemas alimentares contemporâneos, publicou em 2014 a segunda edição em um diálogo horizontalizado por processo de consulta pública. Sendo para todos os brasileiros, pode ser utilizado nas casas, centros comunitários e de formação, sede de movimentos sociais, entre outros (BEZERRA, 2018). As ações de EAN são divididas em quatro fases distintas, realizadas após envio de carta-convite na forma de Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Na 1ª fase é concebido o levantamento bibliográfico e reconhecimento do território, parceiros e comunidade participante. As fases seguintes serão realizadas na Rede de Agroecologia Mangue de Pedra, território limite entre Armação dos Búzios e Cabo Frio, com proximidade dos guilombos de Baía Formosa, Rasa e Maria Joaquina. A 2ª fase é de formulação e compreensão do corpus, o qual reflete coletivamente sobre as dimensões da alimentação, valorização do diálogo e diversas formas de saberes, crenças e cultura alimentar dos participantes. Nesta fase, entrevistas coletivas e questionários semiestruturados serão instrumento de coleta/produção de dados nas oficinas temáticas "Alimento e cultura" e "Agricultura regenerativa como local de memória biocultural". Os materiais produzidos nesta fase orientarão as estratégias posteriores. A 3ª fase reflete sobre o cosmos, agroflorestal (SAF) que considere sistema implementando um socioculturais da alimentação produzidos na etapa anterior, em ações de educação ambiental e/ou oficinas temáticas concomitantes ao plantio e aos ciclos de colheita,



utilizando instrumentos como mapa de uso da terra e maquete da SAF piloto. Além disso, engloba ações A 4a fase abrange avaliação e monitoramento através das *práxis* contribuindo para a construção do conhecimento agroecológico e finalização do GAIA. A transcrição, exploração e interpretação sistemática dos dados coletados na pesquisa-ação ocorrerá ao longo do processo através da análise sociopoética.

Resultados e Discussão

Na 1ª fase, a pesquisa bibliográfica elencou 54 artigos em bases de dados virtuais para leitura integral, resultando na publicação do artigo "Agroecologia e educação intercultural no Sul global: construindo a soberania alimentar", estrato A2 do sistema Qualis Capes pela Revista Ser Social (2023), e submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Atualmente a pesquisa se encontra na fase de formulação, com previsão de aplicação dos testes piloto nos instrumentos de coleta para setembro de 2023 e desenvolvimento da oficina "Alimento e Cultura" previsto para outubro de 2023.

Conclusões

As práticas agroecológicas surgem como mudança de paradigma, inovação social ou transformação de processos que expressam a resistência e multiplicidade de experiências sociais autônomas e solidárias, gerando novas configurações e saberes como: a contribuição no protagonismo entre cientificidade e cosmovisões; metodologias coletivas; fomento da agricultura e lutas por justiça social. Coletivamente, poderá contribuir em soluções locais para dilemas alimentares contemporâneos, e reprodutibilidade como instrumento de EAN em Agroecologia Política, uma vez que tal vertente dá uma expressão prática à soberania alimentar, permitindo que pequenos produtores estejam no centro dos processos e decisões que se inter-relacionam à outras vertentes da Agroecologia. No campo acadêmico, poderá contribuir na educação intercultural com desdobramentos em políticas públicas de segurança alimentar e nutricional e projetos de Extensão. Com a Agroecologia na "Boca do povo" novas realidades são construídas e a sociedade é transformada.

Agradecimentos

Somos gratos aos envolvidos na pesquisa e àqueles que através da Agroecologia e das ciências semeiam novos tempos, como o Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade de Macaé (UFRJ), o Grupo de Pesquisa em Linguagens no Ensino de Ciências (LINEC-UFRJ/Macaé), a Rede Internacional de Estudos Decoloniais na Educação Científica e Tecnológica (RIEDECT) e a Rede de Agroecologia Mangue de Pedra de Armação dos Búzios (RJ).



Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável.** 3ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, ASPTA, 2012. 400p.

BASTOS, Mariana N.P. Fome e colonialidade alimentar no Brasil. **Revista Mosaico.** V.14. Nº 22, p.341-354, 2022.

BARROS, Denise. Educação Alimentar e Nutricional no Programa Bolsa Família. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2014.

BEZERRA, José. A. **Educação alimentar e nutricional: articulação de saberes.** Fortaleza: Edições UFC, 2018.

BURITY, Valéria; ROCHA, Nayara C. Informe **DHANA** 2021 [livro eletrônico]: pandemia, desigualdade e fome. Brasília, DF: FIAN Brasil, 2021.

CASTRO, Dominique J.; MONTEIRO, Bruno A.P. A (re) existência de mulheres na forma de saberes ancestrais: repensando outras relações entre ciência, ambiente e educação no contexto pandêmico. **Revista Sergipana de Educação Ambiental.** REVISEA, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 7, número especial, 2020. ISSN eletrônico: 2359-4993.

EL-HANI, Charbel. N. Bases teórico-filosóficas para o design de educação intercultural como diálogo de saberes. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S. I.], v. 27, nº 1, p. 1-38, 2022.

FARIAS, Jorge L. O antropoceno e as transformações no sistema alimentar: desafios e oportunidades para a agricultura no semiárido. In: **II Workshop WEAA**, 2019, Porto Alegre, p. 1-25.

FERREIRA, Camila; MONTEIRO, Bruno. Agroecologia e educação intercultural no Sul global: construindo a soberania alimentar. **Revista Ser Social.** Brasília, v.25, n.52.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** carta pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KAUFMANN, Marielen P.; WIZNIEWSKY, José. **As Bases Epistêmicas da Agroecologia**. 1. ed. – Santa Maria RS: UFSM, NTE, UAB, 2021.

LARANJEIRA, Nina. P; CARCELLE, Sebastien; MIRANDA, Denise; SÁ, Tatiana D; TRENTO, Luã G.; SOUZA, Thaís S.; CARDOSO, Irene M. Para uma ecologia de saberes: trajetória da construção do conhecimento agroecológico na ABA. **Revista**



Brasileira de Agroecologia [S. l.], v.14, n° 2, p. 15, 2019. DOI: 10.33240/rba.v14i2.22959.

MANSUR, Kátia L. *et al.* (2012) Geoparque Costões e Lagunas do Estado do Rio de Janeiro (RJ): proposta. In. Schobbenhaus C, Silva CR (Orgs.). **Geoparques do Brasil: propostas.** Rio de Janeiro: CPRM, 2012. Cap. 19.

MENESES, Maria P. Os desafios do Sul: traduções interculturais e interpolíticas entre saberes multi-locais para amplificar a descolonização da educação. In: MONTEIRO, B. A. P. Decolonialidades na Educação em Ciências. 1ª edição. Coleção Culturas, Direitos Humanos, Diversidades na Educação em Ciências. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019, p. 20-43.

PETRI, Mariana; FONSECA, Alexandre. **Outros saberes na educação do campo no Brasil: reflexões para o ensino de ciências.** In: MONTEIRO, B.A. P. Decolonialidades na Educação em Ciências. 1ª edição. Coleção Culturas, Direitos Humanos, Diversidades na Educação em Ciências. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019, p. 225-245.

PREISS, Potira V; SCHNEIDER, Sérgio. **Sistemas alimentares no século XXI: debates contemporâneos.** Editora UFRGS.

SCARANO, Fábio. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019. 128 p.

SILVA, José S. Agroecologia e a ética da inovação na agricultura. **Redes**- Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, nº 2, maio-agosto, 2017.